

RUA ANITA MALFATTI

Lei nº 6590 de 28-08-1991, Artigo 1º, In-

ciso XII

Formada pela rua 22 do Conjunto Habitacio-

nal Lech Walesa (Dic IV)

Início na rua Anália Franco

Término na rua Chiquinha Gonzaga

Conjunto Habitacional Lech Walesa (Dic IV)

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito Jacó Bittar. Projeto de lei 141/91. Processo CM 56.195/91.

ANITA MALFATTI

Anita Catarina Malfatti nasceu em 1889, em São Paulo, onde faleceu em 06-novembro-1964. Era filha de Samuel Malfatti e Eleonora Elizabeth Malfatti. De sua mãe herdou a vocação artística, havendo dela recebido os primeiros ensinamentos de desenho e pintura, dentro de um estilo academico peculiar à época, que também, divulgou mais tarde, como professora de desenho em escolas secundárias. Em 1911, viajou para a Europa, para prosseguir os estudos. Matriculou-se na Academia Real de Desenho, Pintura e Gravura de Louis Corinth, em Berlim, aí ficando por 3 anos, quando surpreendida pela I Guerra Mundial regressou ao Brasil. Em 1914, expõe em São Paulo pela primeira vez, seguindo, meses depois para os Estados Unidos, onde frequentou o Art Students' League, em Nova Iorque. Em 12-dezembro-1917 abriu sua histórica exposição, violentamente criticada por Monteiro Lobato. Oswald e Mário de Andrade e Guilherme de Almeida, o grupo modernista, uniu-se a ela contra as críticas que recebeu. Em novembro de 1920 fez uma mostra individual em São Paulo. Em 1922 participou da Semana de Arte Moderna, a partir de quando Anita mereceu destacado lugar. Em 1923, o "Pensionato Artístico de São Paulo" concedeu-lhe o prêmio de viagem a Paris, onde permaneceu até 1928. Aí, morou na mesma pensão que Di Cavalcanti e Brecheret. Com Tarsilla, frequentou cursos livres de desenho e trabalhou em seu atelier. Depois voltou a São Paulo e tornou-se professora de desenho do Colégio Mackenzie e Associação Cívica Feminina, até 1932. Em 1940, tornou-se presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos. Em 1963 obteve a consagração máxima dada a um artista em nosso país: a grande exposição retrospectiva em sala especial na VII Bienal de São Paulo.

LEI Nº 6590 DE 28 DE AGOSTO DE 1991

DENOMINA VIAS E PRAÇAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

PROCESSO Nº 51.985
P. L. 141/91

A Câmara Municipal aprovou e eu, Prefeito do Município de Campinas, sanciono e promulgo a seguinte lei:

Artigo 1º - Ficam denominadas as seguintes vias e praças públicas do Conjunto Habitacional Lech Walesa (DIC IV) a seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "IBRANTINA CARDONA", a Rua 14, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

II - Rua "CARMEM DE ÂNGELIS NICOLETTI", a Rua 12, com início na Rua 16 e término na divisa do loteamento.

III - Rua "ANÁLIA FRANCO", a Rua 1, com início na divisa su-
doeste e término na divisa norte do loteamento.

IV - Rua "CHIQUINHA GONZAGA", a Rua 2, com início na
divisa sudoeste e término na divisa noroeste do loteamento.

V - Rua "APOLÔNIA PINTO", a Rua 6, com início na Rua
17 e término na divisa do loteamento.

VI - Rua "ITÁLIA FAUSTA", a Rua 7, com início na Rua
17 e término na divisa sudoeste do loteamento.

VII - Rua "CECÍLIA MEIRELES", a Rua 8, com início na
Rua 17 e término na divisa norte do loteamento.

VIII - Rua "BÁRBARA HELIODORA", a Rua 10, com início
na Rua 16 e término na divisa sul do loteamento.

IX - Rua "FRANCISCA JÚLIA DA SILVA", a Rua 11 com iní-
cio na Rua 15 e término na Rua 13 do loteamento.

X - Rua "MARIA DOLORES", a Rua 16, com início na Rua
17 à altura das divisas dos lotes 24 e 25 da quadra "O" e término na
Rua 12 do loteamento.

XI - Rua "COLOMBINA", a Rua 21, com início na Rua 1 e
término na Rua 02 do loteamento.

XII - Rua "ANITA MALFATTI", a Rua 22, com início na Rua
1 e término na Rua 2 do loteamento.

XIII - Rua "JANETE CLAIR", a Rua 23, com início na Rua
1 e término na divisa oeste do loteamento.

XIV - Praça "BERTA LUZ", a praça 1, com frente para a
Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou sucessores, do
loteamento.

XV - Praça "AUTA DE SOUZA", a praça 2, formada pelo
contorno das Ruas 1 e 23 do loteamento.

XVI - Praça "CONCHITA DE MORAIS", a praça 3, com sua
frente para a Rua 1 e fundos com a gleba de Elza Von Ah e Irmãos ou
sucessores, do loteamento.

XVII - Praça "GILDA DE ABREU", a praça 4, formada pelc
contorno das Ruas 10 e 16 do loteamento.

XVIII - Praça "DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ", a praça 5
formada pelo contorno das Ruas 10, 16 e 17 do loteamento.

Artigo 2º - Ficam denominadas as seguintes vias públi-
cas do Conjunto Habitacional Mons. Luis Fernandes de Abreu (DIC I) a
seguir descritas e caracterizadas:

I - Rua "ADALGIZA NERY", a Rua 35, com início na Rua
49 e término na Rua 53 do loteamento.

II - Rua "DJANIRA DA MORA E SILVA", a Rua 37, com iní-
cio na Rua 47 e término na Rua 52 do loteamento.

III - Rua "TARSILA DO AMARAL" a Rua 44 com início na
Rua 33 do loteamento, e término na Rua 7 do Jardim Melina.

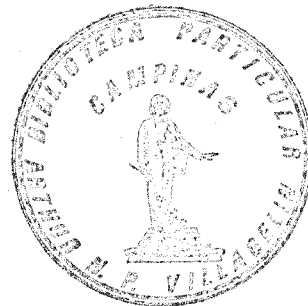
IV - Rua "CACILDA BECKER", a Rua 53, com início na Rua
Nelson Barbosa da Silva e término na divisa sul do loteamento.

Artigo 3º - Fica denominada Praça "CARMEN CINIRA", a
Praça 1 do loteamento Chácara Cnêo formada pelo contorno das Ruas Jo-
ão Alfredo Wilson da Costa e Prof. Jorge Leme do mesmo loteamento.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua pu-
blicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 28 de agosto de 1991

JACÓ BITTAR
Prefeito Municipal





ANITA Malfatti

Anita Catarina Malfatti nasceu e cresceu em São Paulo. Faleceu no dia 6 de novembro de 1964. Frequentou a Academia Real de Desenho, Pintura e Gravura com Lovis Corinth e acompanhou a histórica exposição dos pós impressionistas em Colônia. Em 1914 expõe em São Paulo pela primeira vez, seguindo meses depois para os Estados Unidos, onde frequentou o Art Students' League em Nova Iorque. No dia 12 de dezembro de 1917 abriu sua histórica exposição. Conheceu Oswald e Mário de Andrade e Guilherme de Almeida. Mas um artigo de Monteiro Lobato criticou violentamente sua mostra. O grupo modernista uniu-se a ela contra as críticas que recebeu. Oswald de Andrade a defendeu em um artigo. Em novembro de 1920 fez uma mostra individual em São Paulo e Menotti Del Picchia a defendeu.

Em 1922 participou da Semana da Arte Moderna e no ano seguinte ganhou o o Pensionato Artístico do Estado, seguindo para a França. Morou na mesma pensão que Di Cavalcanti e Brecheret, em Paris. Frequentou às vezes com Tarsila, cursos livres de desenho e trabalhou em seu ateliê. Depois voltou para São Paulo e tornou-se professora de desenho do Colégio Mackenzie e Associação Cívica Feminina até 1932.

Em 1940 tornou-se presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos. Viveu quase sempre pintando em sua chácara de Diamema. Em 1963 uma sala especial na VII Bienal de São Paulo.

(Extraída reportagem "Novembro, mês de muitas mulheres", estampada pela Secção "Nova Mulher", do jornal "Folha de São Paulo", de 09-novembro-1975)

Anita Malfatti

José Geraldo VIEIRA

ANPU 1.422.4



Anita está morta ali defronte; ali embaixo. Vejo-a aqui de cima. Para tanto a noite, a grande intrusa oportuna, armou com a chuva uma especie de capela mortuaria neste trecho que vai do largo do Arouche à rua Cesario Mo'a. Do alto do meu apartamento, na esquina da avenida Duque de Caxias, domino a Santa Casa, cujos pavilhões de tijolos vermelhos visumbro depois das arvores, como estrias de pigmentos através de magmas de clorofila ondulante.

Sei que Anita está morta no centro do cenario lugubre que parece construído por Corinth, seu velho mestre alemão. Na noite, esse exagrama ubíquo, a chuva, obedecendo aos acasos da partição do espaço, armou entidades geométricas que formam a perspectiva ou melhor, a grande absíde em cujo centro deve estar (mas não o descortino) o catafalco feito de cavaletes unidos, com suas colgaduras de telas.

Não vejo a artista. Nem sequer imagino vê-la. Seu corpo de matriarca já não interessa como unidade demográfica, visto que irá reunir-se à sucata de janeros daquela sua mão decepada na infância, como a destra de Jacopo da Barbari. Quanto à alma, foi unir-se à de Dona Betty e à de Samuel, que, como bom engenheiro disponível na eternidade, deve ter tido tempo para preparar o outro lado do triângulo isosceles onde ele e a esposa desde muito aguardavam a filha.

Aliás, ainda aqui no mundo já estavam habituados à sua ausencia. Anita afastara-se delcs, na mocidade, duas vezes em tarefas-tirocinios. Agora, a estas horas, os três, pais e filha, formam um tríptico naquela especie de hemisfério de Magdeburgo, que é o Grad.

Que resta então de Anita? Que é que estou velando aqui na noite, através da chuva?

Na "cimaise" que em anfiteatro a noite e a chuva estabeleceram lá embaixo, em redor da Santa Casa, vejo a pintura de Anita Malfatti. Vejo os cinquenta e três quadros que ela expôs em dezembro de 1917 em São Paulo. E vejo as 46 unidades que ela expôs na VII Bienal.

O efeito carismático da sua morte na velhice tem o dom retrospectivo e prospectivo, portanto arcaico e imaneute de recriar como protocolo junebre o museu imaginario de Anita Malfatti. Estou vendo uma sala de sobrado, numa cena de há quarenta e sete anos: sujeitos aburguesados retiram de algumas telas os cartões de "adquirido" que haviam fincado entre a moldura e o "passe-partout"; e isso porque tendo intuitivamente gostado das telas, leram, depois, os anatemas de Monteiro Lobato. Sim, estou vendo, em outra cena, um certo Andrade, Mario de nome batismal, defender em atitude polemica a arte de Anita. Depois, outras cenas vejo, que se confundem como "flash-backs" de filme, impossível de ser enrolado.

No hemisício da noite e da chuva, do qual a Santa Casa é o retábulo e a treva a atmosfera, vejo dispostas as telas e os desenhos de Anita Malfatti. De maneira que esta noite de 6 de novembro, sendo substancia compacta de luto, também é atmosfera translúcida de apoteose, porque a arte de Anita, antes de recolher-se a arquivos históricos como verbetes de fauvismo e de expressionismo, comparece ao velorio. Eis que irrompem das nesgas de 1917 e 18, "A Mulher de Cabelo Verde", "A Boba", "O Homem Amarelo", "A Estudante Russa", "O Japonês". E das nesgas de 22, como é natural, "As Flores". A praça, as ruas, a Santa Casa, os arranha-céus se banham de violentos fulgores, porque sai da nesga de 24 a tela "O Farol".

A noite se torna concha acustica onde ressoa não como marcha junebre, porem liricamente, como toada boemia de 26, a "Canção de Montmartre". Dos outros quadros que vão surgindo e se arrumando, em louvavel flexibilidade, aparecem especies de gomos luminosos, dir-se-ia uma contribuição de Delaunay: "A Moça do Xale", "A Dama Azul". Eis que se escava a noite, ante a ousadia do caterpillar da imaginação, e se encrava aqui "O Porto de Monaco", seguido pela constelação telurica de "Os Lagos Italianos".

Por entre essas partições geodesicas, novamente figuras humanas, "Noné", "Georgina", "Estela". E de subito passo e me concentro, tomado de curiosidade e emoção maior, porque reconheço uma tela de 1922. É o "Retrato de Mario de Andrade".

Claro, amigos, que ele não podia deixar de comparecer, mesmo mediante todos os absurdos postumos. Pois foi Mario quem tomou a justa responsabilidade de determinar, como um dogma, que Anita era a pioneira da arte moderna no Brasil.

Se Lasar Segall, seu amigo e companheiro do SPAM, expôs em abril de 1913 apresentando material cubista e expressionista, o certame ficou confinado a uma roda, foi tacitamente admirado pelos "happy few", não despertando polemica para a qual não estávamos preparados naquela aura de pré-guerra. Mas a exposição de Anita, em 17 causas celeuma, brigas, protestos e entusiasmos, tendo sido a "repetition générale", isto é, o ensaio para a Semana de Arte de 22.

A ultima vez que, antes do gradual liturgico desta noite, vi quadros de Anita foi durante a VII Bienal. Isso em 63, portanto, numa perspectiva suficiente para situá-la não em arranjo de homenagem oficial, mas segundo a virtualidade de sua tarefa cumprida.

Distingo três periodos em Anita. O propedeutico, ensinado e absorvido, foi de teor expressionista; porem, paralelo a esse, há em hipostase o segundo teor, o delaunayano, isto é, o policromático, de plasma e de magna fibrilante, como evolução do fauvismo. Por ultimo, bem distante no tempo-espaço, o bucolismo candido de telas brasileiras, ecologicas, da classe inefavel de "Casamentinho" e "Itanhaem".

Mas eis que nesta capela ardente, que deveras é parusia bem mais do que circulo em redor dum catafalco, se dispõem os desenhos de Anita Malfatti, como resíduos soltos, quais folhas secas de requeim. São desenhos que parecem haver caído ali, vindo todos da coleção de Mario de Andrade na rua Lopes Chaves.

Estes desenhos e estas telas, como numa orquestra o tutti, emudecem sob o gesto do ordenador das idéias e dos numeros, das formas e das cores. É que, nesta madrugada lugubre e paradoxalmente apoteotica, a mão que deixou há décadas o punho de Anita emerge duma redoma do Limbo e se encaixa em seu antebraço, como num icone de marfim uma escudena.

(Folha de S. Paulo" de 07-11-1964) Anita fal. em 06-11-1964.

Morre com Anita um período da pintura

Pouca gente soube, durante o dia de ontem, da morte daquela que foi um dos marcos da pintura moderna brasileira: Anita Malfatti. O enterro sai hoje, às 8 horas, do necrotério da Santa Casa de Misericórdia, para o cemitério dos Protestantes (rua Sergipe).

Anita estava enferma (deficiência de circulação) há tempos. Resistiu anos à doença, mesmo com sacrifício, continuou a sua atividade nos dois ateliês em que trabalhava, na al. Eduardo Prado e no largo de Diadema. No início desta semana o seu estado de saúde agravou-se, o que levou o dr. Hermeto Junior, seu parente e médico da Santa Casa da Misericórdia a levá-la, quarta-feira última, para aquele hospital. Em menos de 48 horas, porém, a grande artista sucumbirá.

ESCANDALO EM 1917

Um dos capítulos mais curiosos da vida de Anita Malfatti é o que nos leva a atrasar o calendário para quase 50 anos atrás.

Em 1917 a então florescente pintura escandalizaria o mundo artístico e o público em geral, ao abrir uma exposição que lutava ao academismo velhante, e que a transformaria num ponto capital para o aparecimento da arte moderna em nosso país. Aquela exposição, numa loja da rua Libero Badaró, suscitou violentas críticas e a pintura, foi desde logo combatida pelos que não se conformavam com a linha de vanguarda por ela imposta. Logo mais surgiria (em 1922) a «Semana de Arte Moderna» em São Paulo.

CONTRA O ABSTRATO

Ultimamente Anita pouco aparecia pelas galerias, nas exposições. A enfermidade prendia-a à casa mas não a impedia de pintar.

Sempre tinha uma palavra de estímulo aos jovens. Respeitava o abstracionismo, mas nunca tentou enveredar por esse caminho. Em mais de 60 anos de labor nos ateliês, sempre se manteve fiel à sua temática de pintura figurativa empenhadamente brasileira.

Certa vez contou que tentara pintar algumas telas de teor informal. «Nada conseguiu» — disse. Só fazia «o que sai aqui do coração; nada de inventar o que não está ao meu alcance».

AS BIENAIS

A última exposição individual de Anita Malfatti foi em junho do ano passado, na Casa do Artista Plástico. Quatro meses mais tarde a Fundação Bienal de São Paulo, prestava-lhe aquela que seria a sua última homenagem enquento viva; uma sala especial, com uma grande retrospectiva de sua obra.

Era um balanço da generosa atividade da pintora durante mais de meio século, merecendo os quadros expostos motivo de satisfação e orgulho para todos os brasileiros. Curioso também é que Anita somente figurou na I Bienal de São Paulo. Nas demais — e nunca explicou — por que assim agiu — não mais se interessou pelo certame internacional, provavelmente pela linha cada vez mais abstracionista de seus participantes. Somente na última Bienal, convidada pela

Fundação, decidiu-se a fazer a retrospectiva.

ESTATISTICAS, NAO

Sempre que lhe perguntavam quantas telas teria realizado, as exposições aqui e no exterior de que participou, Anita respondia:

«Isso não me recordo. Foi ram tantas...» Nunca quis dizer, apesar das aparências irretorquíveis (quadros por todos os lados em seu ateliê, dezenas começados, outros pelo meio, outros mais por terminar) se produzia muito em seus ateliês. Desconversava:

Ivo ZANINI

ESPERANÇA DESFEITA

Uma vez, em Diadema, pediu a este reporter que escrevesse:

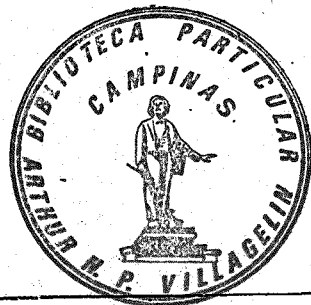
«Pode anotar: o dia em que parar de pintar, eu morio». Profecia realizada. Apesar disso, ela tinha esperança de realizar a proeza da vigoro-sa norte-americana «Grandma» Moses, que faleceu com 101 anos (em fins de 1962), praticamente nas mesmas circunstâncias de Anita: um dia deixou de pintar e morreu.

«Posso adiantar apenas que sempre pintei e nunca houve coisa de que mais gostasse do que pintar.»

Quando não mexia com quadros, tintas e pincéis, geralmente agarrava-se aos livros. E nunca como ultimamente, segundo o dr. Hermeto, ela se atelgoara tanto à Bíblia. Seus últimos trabalhos em Diadema são baseados nas bem-aventuranças do Sermão da Montanha.

(Do jornal "Folha de S. Paulo" de 07-novembro-1964)





Quinta-feira, 10 de novembro de 1977.

Artes Plásticas — Anita, a pioneira, no Ibirapuera

Anita Malfatti morreu aos 75 anos, no dia 6 de novembro de 1964. Treze anos depois surge uma retrospectiva cientificamente organizada da obra da pintora que deu o grande impulso à arte moderna brasileira na década de 1920. A exposição será inaugurada hoje, às 20 h 30, no Museu de Arte Contemporânea da USP, no Parque Ibirapuera, e lá permanecerá durante um mês.

São 209 trabalhos, desde alguns que figuraram na mostra-escândalo Cassim julgada por vários intelectuais da época, incluindo-se Monteiro Lobato, em 1917, na rua Libero Badaró, até as obras realizadas pela artista pouco antes do seu falecimento.

É verdade que há seis anos o Museu de Arte Brasileira fez uma exposição com muitos quadros de Anita, assim como durante a VII Bienal de São Paulo ficaram expostos, 30 quadros seus em sala especial.

Mas agora o público poderá acompanhar com segurança a transformação e evolução da nossa pioneira em artes plásticas, através de selecionado acervo. Além disso, a exposição exigiu coleta de documentos, pesquisas junto à família Malfatti, levantamento de informes de várias fontes e confirmação da data do nascimento da pintora (nos catálogos da Bienal e em várias publicações que tratam da vida e obra de Anita aparece a data 1896, quando o ano correto é 1889). As obras expostas pertencem ao próprio MAC ou foram cedidas por outros Museus de São Paulo e do Rio, instituições culturais e artísticas e colecionadores particulares.

Anita Malfatti ainda adolescente já começava a marcar sua trajetória para a pintura. Seus pais (ele italiano, ela norte-americana) vislumbraram possibilidades artísticas na garota. Tanto que já aos 22 anos Anita viajava para a Alemanha. Estudou pintura durante três anos e meio. Quando retornou a São Paulo fez sua primeira exposição individual. Na maior tranquilidade, sem críticas nem represálias.

Depois disso foi estudar nos Estados Unidos e em fins de 1917, assim, provocaria impacto em São Paulo, sacudindo o Brasil acadêmico de então, por causa de sua ousadia: quem passasse pela rua Libero Badaró, n.º 111, iria ter à frente quadros "desfigurados", "tortos" e "muito avançados". Eram as pinturas expressionistas da artista. Muitos não quiseram aceitar a nova dimensão da pintura, que, na Europa, caminhava a largos passos há anos.

Monteiro Lobato não se conformou com a revolução na arte apresentada



"A Boba", quadro pintado em 1917

por Anita. Taxou a sua pintura de "paranóica" e "mistificada". Para o grande escritor, "nos manicômios esta arte é sincera, produto ilógico de cérebros transtornados pelas suas estranhas psicoses, mas fora deles, nas experiências públicas, zumbadas pela imprensa e absorvidas por americanos malucos, não há sinceridade nenhuma, nem lógica, sendo mistificação pura".

Óbvio que essa e outras críticas vorazes contra a criatividade inovadora lhe trouxeram dissabores, mas Anita conhecia suas possibilidades e deu sequência à nova concepção de pintura. Após outros estudos e exposições, era convidada a integrar a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Seus quadros mostrando paisagens, tipos populares e cenas do litoral brasileiro, distanciados da linguagem acadêmica, ficaram ao lado de obras de Vicente do Rego Monteiro, John Graz (ainda vivo), Di Cavalcanti, Zina Aita, Ferrignac e outros.

E continuou pintando sob o signo do expressionismo. Um ano depois foi para a França e lá permaneceu cinco anos. Ao voltar ao Brasil traria, era inevitável, influências da Escola de Paris. A partir daí integrou-se aos grupos de artistas que se iam formando em São Paulo, pintou bastante e também lecionou. Festas folclóricas, danças, retratos, foram alguns dos temas que passaria a explorar, com a maior simplicidade, porém com vigor características próprias, até ficar doente e falecer em 1964 em São Paulo, tendo realizado sua última exposição individual um ano antes de morrer, na Casa do Artista Plástico, fundada e dirigida por Pola Rezende.

Numa entrevista ao autor deste trabalho, em 1962, Anita Malfatti — que nessa ocasião pintava ou na cidade (na al. Eduardo Prado) ou na "casa de campo", em Diadema — manifestou todo o seu entusiasmo por continuar pintando há quase 60 anos.

— O dia que parar de pintar eu morro, afirmou ela na ocasião.

Dois anos depois ficou muito enferma e proibida de mexer em tintas. Em seguida faleceu.

Anita também opinou sobre a Semana de 22:

— Foi alguma coisa de inesquecível, que sacudiu os meios artísticos de todo o país. E mais do que justo, porque era realmente impossível tolerar-se o academismo, a inércia, o mau-gosto da época. Alguma coisa tinha de ser feita. Assim, eu me orgulho de ter contribuído com uma parcela para o êxito do movimento.

Pintora inteiramente voltada para a arte figurativa, não concebia o avanço do abstracionismo, que na década de 1960 praticamente alcançava o auge de sua extra-polação internacional. Lamentou, então, que muitos de nossos artistas se dedicassem à composição informal sem um critério que tivesse por base a autenticidade:

— A maioria desses artistas não faz outra coisa senão repetir, nada criam.

Ainda durante a entrevista, Anita Malfatti enfatizou sua tendência para a arte regional brasileira, que, a seu ver, deveria ser o caminho para muitos de nossos artistas.

E mostrando uma parte da obra que realizara até então, não escondia:

— Esta é arte verdadeiramente nossa.

Lá estavam casarios, paisagens mansas, cenas de quermesses, festas na roça, caboclos orando, santos e outros, numa linguagem expressiva e realizada por quem efetivamente conhecia os segredos da pintura e do desenho.

Justamente exemplares desses trabalhos e também telas que se tornaram marcos na pintura moderna brasileira — como "A Boba", "O Homem Amarelo", "A Mulher de Cabelos Verdes" e alguns retratos —, além de uma série de desenhos pouco vistos, fazem parte da retrospectiva organizada pelo MAC, que igualmente editou um catálogo especial sobre a primeira pintora moderna brasileira, ainda tão pouco conhecida pelos próprios brasileiros.

IVO ZANINI

Anita Malfatti: iniciadora do movimento modernista brasileiro

FAL. A 6-NOV-1964

Pioneira da arte moderna no Brasil e participante da Semana de 22, Anita Malfatti nasceu em São Paulo, em 1896, filha de um engenheiro e arquiteto italiano — naturalizado brasileiro e deputado à primeira assembléa legislativa paulista, de 1892 a 1894 — e de d. Eleonora Elizabeth Malfatti, pintora e professora.

Foi de sua mãe que herdou a vocação artística, tendo dela recebido os primeiros ensinamentos de desenho e pintura, dentro de um estilo acadêmico peculiar à época. Esses mesmos ensinamentos divulgou, como professora de desenho em escolas secundárias.

Em 1911, contando apenas 16 anos de idade, viajou para a Europa, onde deveria prosseguir os seus estudos. Ainda hesitante quanto ao curso que deveria seguir, Anita Malfatti assistiu a uma importante retrospectiva de Lovis Corinth, então professor na Escola de Belas-Artes de Berlim.

Neste estabelecimento, a pintora se matricularia, estudando durante quase 3 anos. Surpreendida pelo início da I Guerra Mundial, em 1914, a artista regressou ao Brasil, onde permaneceu apenas alguns meses. No mesmo ano ainda embarcou para os Estados Unidos.

Em entrevista na qual rememorava sua permanência no país do norte, disse a pintora: "Em Nova York achei a escola de arte que tanto procurava na vida: a "Independence School of Art", cujo professor era o artista-filósofo Homer Boss. Parece que foi caso único na América".

Tendo aprendido de Corinth os postulados do expressionismo alemão, na escola de Boss, também frequentada por Marcel Duchamp e Juan Gris, entrou em contacto com o cubismo.

Três anos Anita Malfatti permaneceu nos Estados Unidos, regressando ao Brasil em 1917 onde, para desencanto seu, os ensinamentos que recebera no estrangeiro, não foram recebidos com entusiasmo pelos seus familiares.

Mas nem todos pensavam como estes. Contou Anita, na entrevista à qual já nos referimos: "Numa tarde de novembro aparecem em minha casa, em São Paulo, Di Cavalcanti, Arnaldo Simões Pinto (jornalista hoje falecido, e talvez outro rapaz — que não me lembro. Eu não queria fazer uma exposição, pois havia desapontado muitos os meus. Eles, porém, tanto falaram que resolvi fazê-la.

"O conde de Lara cedeu-me um grande salão térreo na rua Libero Badaró, 111. Em meados de dezembro de 1917, inaugurei a grande exposição com 52 telas, algumas bem grandes, uns 17 desenhos e gravuras minhas".

Era o início do modernismo no Brasil, cuja primeira repercussão foi o violento artigo contrário de Monteiro Lobato, "Mistificação ou paranóia", aparecido nesta folha a 20 de dezembro de 1917.

Em 11 de janeiro de 1918, no "Jornal do Comércio", ergueu-se a primeira voz em defesa da artista. Era a de Oswald de Andrade, que escreveu: "Possuidora de uma alta consciência do que faz, levada por um notável instinto para a apaixonada eleição dos seus assuntos e da sua maneira, a vibrante artista não temeu levantar com os seus cinquenta trabalhos as mais irritadas opiniões e as mais contrariantes hostilidades. Era natural que elas surgissem no apanhamento da nossa vida artística. A impressão inicial que produzem os seus quadros é de originalidade e de diferente visão. As suas telas chocam o preconceito fotográfico que geralmente se leva no espírito para as nossas exposições de pintura. A sua arte é a negação da cópia, a ojeriza da oleografia.

"Diante disso, surgem descontraídos comentários e críticas exacerbadas. No entanto, um pouco de reflexão desfaria, sem dúvida, as mais severas atitudes. Na arte, a realidade na ilusão é o que todos procuram. E os naturalistas mais perfeitos são os que melhor conseguem iludir.

Anita Malfatti é um temperamento nervoso e uma intelectualidade apurada, a serviço do seu século. A ilusão que ela constrói é particularmente comovida, é individual e forte e carrega consigo as próprias virtudes e os próprios defeitos da artista".

Não tardou muito, os integrantes da jovem intelectualidade paulista da segunda década de século formaram bloco maciço atrás da pintora: Guilherme de Almeida, Di Cavalcanti, Mario de Andrade...

Este, a guisa de apresentação à artista durante a sua exposição oferece-lhe um poema parnasiano que leva o título de um dos quadros de Anita: "O homem amarelo", enquanto lhe diz que aquela lhe pertenceria um dia.

Mas aquilo que a intelectualidade jovem aprovava, o público habitual das exposições não entendia. No dia seguinte à publicação do artigo de Monteiro Lobato, cinco telas já reservadas, tiveram a sua venda cancelada. E, até a Semana de Arte Moderna de 1922, Anita permaneceria trabalhando sempre, mas colocada em ostracismo artístico.

Vinda a Semana, veio com ela a consagração do movimento moderno e Anita Malfatti foi colocada em seu merecido lugar de precursora.

Em 1923, o "Pensionato Artístico de São Paulo" concedeu-lhe o prêmio de viagem a Paris, onde a artista permaneceu até 1928.

Dai para cá, Anita Malfatti esteve permanentemente dedicada à sua arte que praticava, segundo disse, durante seis horas diárias. No ano passado realizava ainda a sua derradeira mostra, na Casa do Artista Plástico, antes de obter a consagração máxima dada a um artista em nosso País: a grande exposição retrospectiva em saia especial na VII Bienal de São Paulo.

Com o falecimento, ontem, de Anita Malfatti, perde a nossa arte um dos elementos mais atuantes na formação da atual pintura brasileira.

*

A extinta era filha do sr. Samuel Malfatti e de d. Eleonora Malfatti, falecidos, e irmã do dr. Guilherme Malfatti, casado com d. Tecla Malfatti, e de d. Georgina Malfatti. Foi também seu irmão o sr. Alexandre Malfatti, falecido, que foi casado com d. Tina Malfatti.

O feretro sairá hoje, às 8 horas, da Santa Casa, na rua Cesario Mota, para o cemitério da Consolação.





Anita Catarina Malfatti nasceu e cresceu em São Paulo. Faleceu no dia 6 de novembro de 1964. Frequentou a Academia Real de desenho, pintura e gravura com Lovis Corinth e acompanhou histórica exposição dos pós impressionistas em Colônia. Em 1914 expôs em São Paulo pela primeira vez, seguindo meses depois para os Estados Unidos, frequentou o Art Students' League em Nova York. No dia 12 de dezembro de 1917 abriu sua histórica exposição. Conheceu Oswald de Andrade e Mário de Andrade e Guilherme de Almeida. Mas um artigo de Monteiro Lobato criticou violentamente sua mostra. O grupo modernista uniu-se ela contra as críticas que recebeu. Oswald de Andrade a defendeu em um artigo. Em novembro de 1920 fez uma mostra individual em São Paulo e Menotti Del Picchia a defendeu.

Em 1922 participou da Semana da Arte Moderna e no ano seguinte ganhou o Pensionato Artístico do Estado, seguindo para a França. Morou na mesma pensão que Di Cavalcanti e Brecheret em Paris. Frequentou às vezes com Tarsila, cursos livres de desenho e trabalhou em seu ateliê. Depois voltou para São Paulo e tornou-se professora de desenho do Colégio Mackenzie e Associação Cívica Feminina até 1932.

Em 1940 tornou-se presidente do Sindicato dos Artistas Plásticos. Viveu quase sempre pintando em sua chácara de Diadema. Em 1963 uma sala especial na VII Bienal de São Paulo.